

O livro de bolso do psicanalista cidadão

IV.

O desejo

Ozio, artesanato e ecologia ♦



31:09

<https://www.youtube.com/watch?v=ShguhkS4kS4>

Boa Noite, um prazer estar aqui novamente.

(Este encontro se inicia com uma retomada de temas do anteriores, que poderá ser lida ao final da transcrição).

A canção de Ózio

Tudo, com relação ao fragmento “Ozio”, do filme de Coutinho, gira em torno da perda. Lavrador, criado pela mãe, casado, perde “tudo de uma vez”: mãe, esposa e sogra mortas no mesmo ano, três figuras centrais de sua existência. Seu pai falecido antes mesmo de seu nascimento, nem entra na certidão.

A “mãe” rege sua vida a ponto de ser difícil discernir em alguns momentos de qual das três está falando, todas eram para ele “mãe”.

♦ Este texto reproduz o primeiro encontro do curso livre do ICP-RJ “O livro de bolso do psicanalista cidadão” ocorrido em 17/11/16 com o título: “O desejo. Ozio, artesanato e ecologia. Transcrição Cida Malveira.

A coisa se centra na perda da esposa. Parece, porém, ter havido algum modo de tornar a vida compatível com a perda irreparável a ponto dele ter tido ao menos uma nova “companheira”, viver perto dos filhos, trabalhar como feirante com eles. O clima é ambíguo. Alguma solução, ele parece ter encontrado, para se afastar da perda. Talvez sim, aparentemente parcial. Ele diz, porém, que sim, mas que para isso, precisou pedir à esposa mãe morta que o deixasse. Coutinho pergunta: como fazer isso? Ele começa, então, a cantar sua música.

Proponho que essa triste canção nos sirva para destacar três coisas em três planos:

Vai se embora, meu bem vai se
embora
e acompanha, da lua, o clarão
Vai deixando a tua saudade colocada
no meu coração
Esta noite eu sonhei que nunca mais
eu te vi
Mas quando eu acordei tanta
amargura eu passei
Quero te ver bem distante pra nunca
mais ouvir
Deve partir quanto antes ó mulher,
para acabar meu sofrer
Soltei um pio no mato inhambu não
me arrespondeu
Não tem ninguém no mundo ó mulher
Que sofra mais do que eu

(Ózio Albino Santarém, *As Canções*)

1. O trabalho de luto do ponto de vista de Lacan, entendido como dar um novo lugar, no mundo, a um objeto perdido. A canção seria uma demonstração-flash desse trabalho.
2. A possibilidade de “realizar” um desejo - o que teria feito a canção -, o desejo de Ózio de deixar sua mulher perdida ir se embora. Será preciso entender a que corresponde esse “realizar”, no sentido freudiano, não de “satisfazer”, mas de poder assumir este desejo de algum modo.
3. A produção de um novo objeto que vem encarnar o objeto perdido. Ele, que estava até então como “o objeto dos objetos”, passa a se apresentar em um objeto do mundo, sem se confundir com ele, um personagem da canção, por exemplo, sem eliminar o regime da falta.

Finalmente, em nosso momento “político”, com todo este percurso em mente, quero discutir a diferença proposta por V. Flusser entre o lavrador e o caçador, e o artesão e o analista. É o que nos permitirá discutir um pouco o lugar da ecologia hoje em nossas mentes e corações.

A falta e a “falta da falta”

Começo com o trabalho de luto em grossos traços, muito simplificado. Primeiro, a ideia de que no luto que emperra, o problema não é tanto que falte a pessoa no mundo. Claro que a perda é triste e pode ser terrível, mas nem sempre inviabiliza tudo. Estamos chamando de “Luto”, aqui, o luto patológico, uma elaboração que não encontra sua “resolução espontânea” como afirma Freud em “A transitoriedade” (que, entre outras coisas, é um belíssimo texto sobre o luto).

O problema do luto congelado não é o que fazer com o objeto que falta, mas com o que dele não se vai. É quando, por faltar na realidade, o objeto se torna mais que presente na realidade psíquica.

De outra maneira, o enlutado, por não mais encontrar o objeto na realidade, passa a lidar com ele no real. É uma diferença importante para Lacan entre realidade, o que vivemos todo dia, e o real, uma presença extra mundo, só percebida de modo fragmentar ou fora do sentido. Para dar uma ideia intuitiva, no caso do luto, seria aquele sentimento de que o ente querido está ali do lado, mais presente, nos primeiros dias da perda.

O trabalho de luto, então, segundo a formulação canônica de Freud seria tomar, um-a-um, os laços com o morto e reconectá-los com outros objetos do mundo. Trata-se, com relação ao objeto perdido, de uma ordem de presença distinta da cotidiana e com relação a essa presença será preciso realizar um deslocamento de libido para trazê-la para o dia a dia, a realidade.

Não é à toa que Freud, quando está tratando do melancólico, usa a bela metáfora “a sombra do objeto que cai sobre o eu”. A *sombra* vale para que entendamos que estamos diante de uma presença que não se liga com mais nada. Podemos usar a metáfora, guardadas todas as proporções, para o luto. O sujeito está encoberto, quase apagado, esmagado, pelo objeto. A metáfora da sombra pode ser enganosa, ela é muito mais presença, objeto, do que a falta dele, por isso “cai” sobre o eu. Lacan, neste sentido, dirá que é a Coisa perdida que retorna no luto (Laurent).

Como fazer com um objeto que é quase pura presença e que, neste sentido, apesar de faltar no mundo está ali em puro excesso, passar a ser um objeto que falta?

Dito de outra maneira, o problema do luto não é o da, mas o da “falta da falta”, modo como Lacan se refere à angústia no *Seminário 11*. O luto que se resolve é o que fará o objeto faltar, que vai transformar o objeto no objeto da saudade.

Foi o que fez Ozio com sua canção. Nela, duas figurações desse objeto serão os mediadores que farão o objeto que se apresenta insistentemente no real passar a ser um objeto que agora falta na realidade.

Primeiro uma metáfora: “vai-te embora como um raio de lua”, “vai se embora meu bem vai se embora e acompanha, da lua, o clarão”. Quase como se ela fosse um raio de luar que vai embora, vai com a lua, vai como a lua. Não é um jeito de tomar uma presença incomensurável e dar-lhe um lugar? Ao fisgar essa presença como a da lua ele já pode figurar sua partida, que ela vá se embora *como e com* a lua.

Em segundo lugar o *inhambu*: “soltei um pio no mato, inhambu não me arrespondeu”. Temos que levar a sério a presença do inhambu que deve er

uma presença quotidiana em sua vida. A partir daí imaginá-lo na lavoura, noite caindo, lua cheia e nem um inhambu piando.

“Não tem ninguém no mundo ó mulher, que sofra mais do que eu”, na conclusão, fala mais então do resultado dessa tradução abreviada de seu trabalho de luto. Não é que ele está sofrendo, mas que agora ele pode sofrer, antes era pura angústia, de alguma maneira o objeto se encadeou, agora podemos passar da angústia à tristeza, podemos chorar, com a saudade.

Inconsciente, realizar e satisfazer

Nesse luto, qual o papel da canção? Duas hipóteses não contraditórias: o de uma formação do inconsciente e o de uma operação de sublimação.

Como formação do inconsciente ela será a junção entre a presença de alguma coisa, uma pulsão, que não pode ser, no campo do eu, mas que se apresenta, com alguma coisa do consciente que vai permitir que se descarregue um pouco a libido.

O real é o que não se compõe com nada. E é o real da presença que às vezes se apresenta na perda. Essa aproximação do real não se dá apenas na perda, o que Freud chama pulsão inconsciente, ou desejo inconsciente é, para a consciência, uma força que a princípio não poderia ser composta por conta do recalque. A formação do inconsciente é a composição disto, que aparece como se fosse o real, com uma figuração do mundo da consciência. Então, uma formação do inconsciente “realiza a Coisa”. O que estava no real passa a ser realizado, entra em parte no campo da realidade.

É o que ocorre no sonho, ele realiza um objeto impossível que o desejo inconsciente traz. O sonho, como formação do inconsciente paradigmática, *realiza* um desejo impossível, parecido com a presença da mulher no caso da música do Ozio.

Encontramos aqui, de outro modo, a tese de Freud, lida por Lacan. De que todo sonho é uma *realização* de desejo. Não significa que todo sonho é uma *satisfação* de desejo. Todo sonho é uma *apresentação* do desejo inconsciente composto com temas conscientes na medida do possível do recalque.

Participante: o sonho é uma realização do desejo ou satisfação?

O termo, creio, é *Erfahrung*. Pode até ser próximo do que dizemos com satisfação em alemão, mas não no sentido de alegrar e consumir. É preciso confirmar no Luiz Hanns (*O Alemão de Freud*). De todo modo, deveria ser evidente. Um sonho não satisfaz desejo nenhum.

Participante: fica muito mais fácil para a gente lidar com o desejo no sonho como apresentação.

Lacan lembra reiteradamente que o único desejo que a gente satisfaz sonhando é o desejo de dormir. O sonho de beber água, de comer algo, não tem nenhuma satisfação embutida. O argumento habitual é o que Freud teria dito que seria uma satisfação alucinada. Mas há satisfação na halucinação? Lacan prefere distinguir: não confundam realização com satisfação. A alucinação do objeto, por figura-lo, o realiza, o coloca na realidade.

Participante: mas Freud fala da satisfação da pulsão e da realização do desejo.

Qual é a palavra em alemão para cada um deles? Não sei se Freud faz essa diferença toda! *Wunsch* por exemplo é uma palavra de Freud, para tudo o que Lacan distingue entre demanda e desejo.

Em nosso português é assim: realizar o desejo entende-se como o que faz gênio da lâmpada. Nesse sentido, a palavra “desejo” é o que Lacan entende por demanda, pedido, anseio. Quando Lacan está retomando o desejo inconsciente de Freud não é uma demanda, é uma força, uma pulsão, inclusive ele diz explicitamente que se fosse traduzir seu desejo em alemão, seria das *Begierde*, que tem uma conotação muito mais sexual e anobjetal.

Veremos isso melhor quando formos trabalhar o filme do Coutinho, “Jogo de Cena” com Andrea Beltrão, onde vamos tratar dos acumuladores.

Os desejos conscientes são demanda, são secundários em um sonho, estão assim próximos dos restos diurnos. Com Lacan vamos dizer que o sonho é uma apresentação do real do qual o desejo é inconsciente.

Estamos sempre recalçando mais ou menos coisas e no sonho essas coisas vão retornar. Como? Uma maneira é a do recalque e da formação do inconsciente, outra é a da sublimação.

Sobre a sublimação

Indo muito rapidamente, a sublimação, no *Seminário 7: a ética da psicanálise*¹ tem como modelo para Lacan o exemplo para retomar a sublimação não é a ideia de dessexualizar, encontrar um objetivo, aquelas coisas todas que traz polêmicas para a discussão, o melhor exemplo figurativo é

Durante a grande época de penitência que nosso país atravessou na era petainista, no tempo de trabalho-pátria-família e cinto apertado, fui fazer uma visita a meu amigo Jacques Prévert em Saint-Paul-de-Vence. E lá eu vi — não sei por que a recordação disso ressurgiu na minha memória — uma coleção de caixas de fósforos.

Era uma coleção que se podia facilmente fazer nessa época, era talvez mesmo tudo o que havia para se colecionar. Só que as caixas de fósforos se apresentavam desta maneira — todas eram as mesmas e dispostas de uma maneira extremamente graciosa que consistia no fato de que, cada uma tendo sido aproximada da outra por um ligeiro deslocamento da gaveta interior, se encaixavam umas nas outras, formando uma fita coerente que corria sobre o rebordo da lareira, subia na murada, passava de ponta a ponta pelas cimalthas e descia de novo ao longo de uma porta. Não digo que ia desse modo ao infinito, mas era excessivamente satisfatório do ponto de vista ornamental.

Não creio, todavia, que isso fosse o principal e a substância do que esse colecionismo tinha de surpreendente, e a satisfação que daí poderia obter aquele que era responsável por isso. Creio que o choque, a novidade, do efeito realizado por esse ajuntamento de caixas de fósforos

vazias — esse ponto é essencial — era de fazer aparecer isto, no qual talvez nos detenhamos demasiadamente pouco, é que uma caixa de fósforos não é de modo algum simplesmente um objeto, mas pode, sob a forma, *Erscheinung*, em que estava proposta em sua multiplicidade verdadeiramente imponente, ser uma Coisa.

Em outros termos, esse arranjo manifestava que uma caixa de fósforos não é simplesmente algo com uma certa utilidade, que não é nem mesmo um tipo, no sentido platoniano, a caixa de fósforos abstrata, que a caixa de fósforos sozinha é uma coisa, com sua coerência de ser. O caráter completamente gratuito, proliferante e supérfluo, quase absurdo, dessa coleção visava, com efeito, sua coisidade de caixa de fósforos. O colecionador encontrava assim sua razão nesse modo de apreensão que incidia menos na caixa de fósforos do que nessa Coisa que subsiste na caixa de fósforos.

O que quer que se faça, não se encontra isso indiferentemente em qualquer objeto. Pois, se vocês pensarem bem, a caixa de fósforos apresenta-se, para vocês, como uma forma vagabunda do que, para nós, tem tanta importância a ponto de poder adquirir, quando for o caso, um sentido moral, e que se chama gaveta. Aqui, essa gaveta liberada, e não mais tornada em sua amplitude ventral, cômoda, apresentava-se com um poder copulatório, que a imagem desenhada pela composição prevertiana estava destinada a tornar sensível a nossos olhos.

Pois bem, esse pequeno apólogo da revelação da Coisa para além do objeto mostra-lhes uma das formas, a mais inocente, da sublimação. Talvez vocês possam ver despontar aí com que, meu Deus, a sociedade pode se satisfazer.

Se é uma satisfação, pelo menos nesse caso, é uma satisfação que não pede nada a ninguém.

20 de janeiro de 1960

O Seminário, Livro 7, Rio de Janeiro, JZE, 2008 (2ª. Ed.) p. 140.

retomado por Heidegger “o oleiro faz o vaso”, é um exemplo legal. Não é coisa chic, é fazer um vazio onde fica a coisa, essa é a imagem da sublimação para Lacan. É construir qualquer coisa e dentro é como se estivesse a coisa. Aquele vaso como o da personagem do filme “Ghost do outro lado da vida”, dá a impressão que lá dentro do vaso tem alguma coisa.

A sublimação é você fazer um objeto, ele não é a coisa, ele de alguma maneira, encerra a coisa, dá um lugar no mundo para a coisa, tem que ter um lugar, não se tem acesso direto a ela, temos acesso pelas figurações da coisa, o objeto *a* é uma figuração da coisa, que se tem a impressão que a coisa está ali. Pode ser a “mulher morta do Ozio”.

A sublimação não vai entrar na discussão, eu quiz trazer esse exemplo para pensarmos que com relação a arte, também está em questão a produção de um objeto que é a realização do real, assim como uma formação do inconsciente também é uma realização do real. Já houve gente comparando uma análise com um processo de luto, a análise numa espécie de luto no sentido de dar lugar para alguma coisa que não tem, não no sentido de esquecer.

Participante: seria como no livro “A Psicanálise: uma erotologia de passagem” de Jean Allouch? Daria para dizer que no caso do Ozio, a canção que ele faz é o espaço que ele constrói para conter esse objeto que é a mulher perdida?

Não é no sentido de conter, fechar a porta, parada, não. Não é como uma urna funerária. A maneria de se colocar a coisa no mundo mais comum é fazer o vazio, na verdade se faz em torno do vazio. Essa caixa – pequena urna – se eu digo que isso aqui é uma coisa, é sempre um anteparo - uma caixa parecida com as urnas onde se colocam as cinzas após a cremação. O modelo da obra de arte, nesse tempo e dessa maneira, é uma coisa que não é um anteparo, é uma coisa que encerra o real, assim como o da “lua indo embora”, que encerra o real, não precisa ser uma coisa parada. Encerrar no sentido de *ágalma*, dentro de uma estátua.

Conter parece que está lá dentro, mas quando se crema uma pessoa e as cinzas da pessoa são colocadas em urnas como esta caixinha é a sublimação da morte. A sublimação numa ideia geral é transformar o objeto do mundo que parece ser a coisa, “eivar o objeto à dignidade da coisa”, nos termos de Lacan. Para se estar na dignidade da coisa tem que ter uma espécie de vazio. Contorno por definição tem sempre um vazio dentro.

Participante: na urna tem a inscrição.

O papel da inscrição é muito importante. O significante permite fazer isso, é importante. A ideia da sublimação foi para dizer que essa música foi uma

maneira de falar o que foi o real da perda de uma maneira colietivizada, e que tem efeito de ensinar sobre essa espécie de sublimação.

O que faz um analista numa análise? É para fazer sublimação, é para fazer formação do inconsciente? O destino de uma análise não é para fazer isso, faz parte de do dia a dia de uma análise.

O problema do Ozio é que ele estava mergulhando na coisa, uma outra maneira de dizer é que o objeto estava chegando e dissolvendo o mundo. O problema é alguma coisa que estava dissolvendo o mundo e podemos figurar como o “estar afundando no vazio, no abismo do real” o que faz uma análise não é “vamos embora para o absurdo, vamos embora porque a vida não tem sentido, porque o real não tem sentido ou descobrir que a vida é o caos”, numa análise é para desenhar a borda, estabilizar a borda, estabilizar “a sua maneira de encontro com o real”.

O que essas operações nos ensinam não é tanto a maneira de realizar o real porque em cada uma delas, o desenho por onde o real entra, vai se desenhando, o contorno da borda. Também tem uma diferença nisso entre a sublimação e o que estamos falando. Na sublimação é para fazer a borda inteira, dá a volta e transformar o real num objeto. Aqui estamos imaginando que cada um tem a sua maneira de encontrar o real, mais ou menos no mesmo ponto, então “você vai conhecer essa maneira”. É isso que estou chamando de desenhar a borda.

Nos nossos termos Lacan chama de fantasia, esse estilo de aonde encontrar o caos. Sempre que se mergulha no precipício o precipício é parecido. Isso é a fantasia. Sempre que o objeto vem a vida ele vem mais ou menos do mesmo jeito, do mesmo jeito não, ele vem numa esquina. Geralmente se vai encontrar o real numa dobrada de esquina. As “suas formações do inconsciente vão apresentar uma certa lógica, depois de muitas sessões”. Sua paixão sublimatórias pelas artes vai apresentar uma certa lógica. Isso é o que estamos dizendo o que é a lógica da fantasia que é um pouco a estrutura do ponto, é o segredo da repetição. O que fazemos de certa maneira é conhecer a priorua repetição.

O mundo é um absurdo, tem gente que mergulha no absurdo, com, por exemplo, a experiência religiosa, tem gente que faz isso com a experiência nas drogas, tem gente que procura a rotina para ficar bem longe disso, tem gente que desenha a borda.

Participante: no caso do Ozio a impressão é como se ele cavasse um buraquinho, uma bordinha, para a história da companheira e da mãe. Tem um trabalho aí.

O legal é que você traz o fato de que os encontros na vida ajuda a gente também. Precisou de um trabalho além da companheira. De qualquer maneira o que a gente quer mais é procurar essa borda. O que Lacan define como objeto causa de desejo é causa, não é o objeto que está lá, esse é objeto coisa, ou então é uma figuração da coisa, é o objeto do desejo.

A cenoura para mover o burro, citada por Lacan.

“o desejo indestrutível modela o presente à imagem do passado, talvez seja porque, como a cenoura do burro, ele está sempre diante do sujeito, produzindo sempre retroativamente os mesmos efeitos²”.

O que se vai fazer na análise para que as coisas aconteçam é encontrar o objeto causa que é sempre a bordinha do desejo, o pedacinho que está aí. O que ele fala para introduzir o objeto causa é o sujeito que é apaixonado pela mulher e vai descobrir que é só quando ela tira a sandália havaiana, que ele é apaixonado por ela.

A sandália não é o fetiche, o fetiche seria ele querer transar com a sandália havaiana, é a coisa, não, ele não sabe que essa mulher que é a mulher do desejo, ela só é a mulher do desejo porque usa a sandália havaiana. Tira a sandália da havaia da cartola, isso é o objeto a .

O objeto a causa do desejo são essas bordas. Os analistas trabalha com essas bordas, “quando o sujeito tiver experimentados todas as sandálias havianas, vai descobrir que serve qualquer mulher”. A ideia é ficar mais com a contingência

As causas de desejo são as bordas da vida

Quando se aprópria dessas bordas de seu desejo o que acontece é que, o que vai entrar ali é muita coisa, antes tinha que ser aquela que tirasse a sandália havaiana. Esse exemplo está no “O seminário 10: *a angústia*³”. Não é da minha patologia.

Participante: o sapatinho da Cinderela.

É uma maneira de mostrar que o que importa é o sapato, não é a Cinderela. O príncipe sai pela cidade querendo fazer caber no pé um sapato, é uma versão quase fetichista do objeto causa. Estou falando do lugar do príncipe, ele dança com Cinderela a noite inteira e depois não sabe como encontrá-la. Tem que ter o sapatinho ele fica batendo de porta em porta. O sapatinho continua sendo a causa de desejo, mas o nosso sapatinho é o objeto do desejo? O sapatinho são as coisas que vamos localizando para que, justamente, estejamos no desejo, com as nossas causas, e não para ficar sem saber aonde está e não sabe porque. Mas de qualquer maneira tem uma relação com o objeto, que eu diria que é de mais disponibilidade para a contingência daquele que vai encarnar o objeto do desejo. Essa é a principio a borda que vai ganhar.

Participante: fiquei pensando se não passamos muito rápido pela questão do pai na história do Ozio? Qual o valor do pai na história?

Ozio é o exemplo escolhido para mostrar como as vezes a função do pai é secundária, mas qual é a função do pai? Para Lacan a ideia de que não é uma perda absoluta, “meu filho, a vida é assim: não há mal que sempre dure para sempre e não há tristeza que não acabe” isso é a função paterna. Ozio não teve a encarnação da função paterna, por isso tudo fica mais forte tudo.

A função paterna em nós é a crença de que nunca vai ter o objeto absoluto, nunca o objeto é completamente novo, porque o pai já conhece. A função paterna é para a gente perder o real. É a função da falta. Ela é contrária à presença materna, o pai é para dizer “mesmo a sua mãe que que você acha que é o máximo, ela é apenas uma entre outras e é minha só”.

Têm várias maneiras da função paterna se enganar, esse é o pai. Mas se eu tivesse o pai eu ia dizer “tenho um pai”. Essencialmente o que a função paterna faz é dizer que essa mãe não é só uma, “mãe não tem só uma”. Mãe tem, todos nós temos, você tem, eu tenho, vou perder, você também, é a sequência da vida.

Nós estamos tratando justamente de um espaço de esvaziamento da função paterna, esse espaço é mais ou menos dos nossos dias porque não se acredita tanto assim, tudo tem que ser agora, ele é também alguma coisa que talvez o Ozio diga mais intensamente, o luto, talvez seja isso também. Aquela presença tão forte, que todo mundo pode dizer que é assim mesmo, “deixa ela aí”. Isso

tudo é a função paterna em ação, ainda existe a baixa da função paterna, ela ainda existe, porque estamos lidando com o real como não negativado, a negatificação do real é a função paterna. Não sei o que é o real. Já negativou. Alguém sabe, já negativou. O que é isso? Um ataque de pânico. Negativou. Estamos em tempos em que precisamos de um médico quase instantaneamente para dizer o que você tem, porque a função não está funcionando tão bem, “eu não sei o que é, mas alguém saberá”.

A análise nasceu para a função do pai, é por isso que é uma análise e não uma novela de TV. Freud criou a psicanálise porque a função paterna estava mal, porque nós vamos fazer justamente outra coisa, que não negatificar. Não é colocar nada no lugar da coisa, querer colocar nada guiando o acesso a coisa. Mas talvez possamos discutir a relação do objeto *a* com o pai.

Os ecologistas

Existe um autor que amo e recomendo a todos que se chama Vilém Flusser⁴ um personagem muito especial, vou me basear nos ecologistas num artigo do livro, **Gestes, NÃO PEGUEI A REFERÊNCIA**. O o gesto de plantar, ele é um fenomenologista, ele pega o gesto de plantar segue o gesto tentando pegar o sentido forte daquele gesto, tem vários gestos.

No exemplo com o gesto de barbear, ele pergunta: afinal de contas qual a diferença entre barbear e cortar a grama do gramado? O exemplo do gesto de fumar cachimbo, ele percorre a história ocidental toda para falar do gesto de fumar um cachimbo. Esse livro só tem em francês, em português tem “A Escrita”, “A dúvida” e outros. Com “Uma filosofia do design da comunicação”, Flusser antecipou muita coisa do mundo virtual. Ele foi um visionário.

Vou pegar duas ou três ideias do Flusser para pensarmos qual seria o lugar no mundo dessa história da borda hoje? Tentar fazer a nossa psicanálise. Ele diz assim: “nunca, talvez, ninguém conseguiu avaliar que a maior evolução da humanidade desde o neolítico foi quando o homem começou a plantar e passou de plantador para caçador”

Harari

É uma espécie de teoria fantástica que ele faz, para falar dos ecologistas. O caçador para ele, como se define? O caçador é aquele que lança sua rede, conhece o ambiente, toda a sua presa. Caçador lança sua rede e espera, porque a fera vai chegar, e vai ser presa

Lacan fala a mesma coisa no “O Seminário 19: ...ou pior⁵”, “o caçador é aquele que busca sinais e da leitura desses sinais, espreita a onça, sabe todos os hábitos dela. Caçador é aquele que consegue se submeter a presa, chega uma hora em que pode virar onça”. Caçador é aquele que caça a onça.

Guimarães Rosa⁶ tem um conto para falar disso “*Meu Tio o lauaretê*”, onde ele diz exatamente, como um onceiro vira a onça. Mas se ele virar a onça deixa de ser caçador.

E o gesto de plantar? Através da evolução da humanidade é um gesto de perversão. Perverteu a natureza. Ele também traz uma rede, instaura a rede dele em algum lugar e a natureza nasce dentro da rede. Não tem que lançar a rede em algum lugar e esperar a natureza vir, ele faz aquilo que era do acaso, para transformar em necessidade. Essa coisa do acaso passar para a necessidade.

O caçador é aquele que monta sua rede, necessariamente, e conta com a caça, o plantador é aquele que faz a natureza se dobrar a rede dele. Se não nascer de qualquer jeito o normal é nascer.

No esquema do Flusser, você faz a natureza, vence a natureza pela própria natureza, faz a natureza perverter porque ela vai assim “de qualquer jeito vou passar para vocês o fenômeno”. O homem começou a usar a natureza e aí mudou o regime do acaso, enquanto o caçador é um ser que trabalha com o acaso, o plantador é um ser que trabalha com a necessidade. Se houver acaso acaba com tudo.

Fazendo uma analogia: o plantador é um neurótico, trabalha para a necessidade, trabalha para a necessidade, não pode ter surpresa, as surpresas são traumáticas, o caçador talvez seja o que acontece quando se está na borda. Estamos levando a nossa rede que é a fantasia, mais o que vier veio. Mas, o neurótico vai fazer análise no sentido do plantador, achando que a análise é para encontrar o segredo do real. Outra maneira de figurar a ideia de se abrir para a contingência. Só tem a rede, não pode ter nada, não tem o sapatinho, só tem a rede. Tem que ter o sapatinho e tem que ser necessariamente aquele para colocar o pé.

Ele usa esses dois exemplos para falar dos ecologistas. Somos todos ecologistas hoje, não somos nem plantadores nem caçadores, somos aqueles que queremos o fim dos tempos. Agricultura é uma coisa predatória, caçar também. Queremos que entre um ciclo da vida circular e nada mais aconteça.

Para os ecologistas a ideia é essa, vai fazer um grande mundo ecológico, equilibrado e não se tem mais o acaso e a necessidade, acaba com a ideia da singularidade. As coisas vão nascer, crescer e morrer num *ad eternum*. Essa

figura do ecologista como a ideia de um sistema, o ecologista seria aquele que só está pensando no ecossistema.

Meu irmão é ecologista da UFRJ, ele só pensa no sistema, não pensa na plantação, na caça, nas coisas. Os ecologistas são homens da gestão. O mesmo Outro, o tal Outro Outro lá no começo é o mesmo, o da gestão, das ocupações, o Outro dos ecologistas, o Outro não-todo.

Os ecologistas não estão pensando nos corpos, eles estão pensando no funcionamento. Assim como Eduardo Paes, estava pensando na fábrica das Escolas, e fazendo disso propagandas, mas porque estão pensando na gestão, estão pensando no ecossistema escolar e não estão pensando nem no escolar nem nas Escolas.

De qualquer maneira estamos falando na psicanálise desse Outro e a história de Ozio, é uma história que a gente carrega na terra, a história da borda faz sentido. E nesse Outro que é pura gestão. Que borda é essa? Quero propor que ela continua valendo.

Tentemos imaginar um homem de gestão num final de análise, o Alkimin, por exemplo, encarnou pelo menos o desejo de gestão, eles acham que a vida é pensar em termos de fazer rever, não importa para onde.

Na PUC tem uma “incubadora de empregos”, o que você levar lá eles vão transformar numa coisa rentável. Vão seguir as regras de gestão empresariais mais modernas, o que importa é o ecossistema, o que produz, querem eficiência e números. Qual é o produto? Isso não importa tanto. Tem gente que já se subjetiva com a plantação.

Com essas pessoas não dá para dialogar no sentido “eu sou contra, tenho uma posição e você tem outra”. O sistema deles é macro, não tem haver nem com caçar, nem com pescar, tem haver com o fluxo universal de tudo. É muito difícil imaginar que você vai se opor ou que vai produzir enigma nessa história, produzir com seu “Ah! Ah! vai produzir falta. E vai mostrar o objeto que vai encarnar o segredo do universo. Tudo é *maitrice*, matriz. Tudo pode ser lido.

Participante: não tem furo nesse universo. O que é real para eles?

Não tem furo, o real para eles é um *tsunami*, *tsunami* tem furo? Eu errei meus cálculos, não previ, tantas pessoas morreram, cadê o furo, isso não é furo. Por isso começamos falando de furo, aquele ponto no infinito que parece levar para outra dimensão. Não, está tudo aqui. *Tsunami* é só porque o acaso é a natureza. É nossa subjetividade falando que o real está para todos, está diferente. Para quem está funcionando na gestão o real é o erro de cálculo. É o *bug* do sistema, é só refazer que dá certo, não tem nada para fazer, não tem no nosso sentido, estranheza.

Não sei se tem esse tipo de pessoa, ou um tipo ideal, mas cada vez que vamos imaginar cada vez uma presença, um tipo ideal, não é um caso específico.

Quando vamos ouvir as pessoas, a cada vez, elas mais *gestionários*, cada vez é mais difícil para elas encontrar o furo e nós o real. Não estou dizendo que não é possível, mas é melhor conhecer o Outro para poder navegar e fazer alguma coisa haver com isso. Às vezes a intervenção seria “você passa a falar como uma pessoa normal, e aí vou te analisar”. É a única maneira de identificar com o nosso Outro furado.

As ocupações foram uma ideia, tem alguma coisa nas ocupações que é você sentar em algum lugar, isso é um problema que trouxe, “você senta em algum lugar e diz, eu estou aqui”, o que vou fazer com isso? Nada. Mas essa coisa que está ali tem uma certa presença, essa presença perturba um pouco. Mas já é o bastante no caso das ocupações porque as pessoas lá, viverem uma vida diferente. Fazer coisas diferentes lá dentro.

O exemplo da borda hoje: qual é nosso movimento ecológico? Arrancar o fruto da árvore e ficar com ele na mão. Nem comer, nem guardar, tem alguma coisa de segurar o ponto. Os analistas hoje, não é “estar procurando segurar alguma coisa, isso é o que tempos atrás era assim “é preciso marcar logo de saída o significante da singularidade”, é procura esses S1s possíveis, logo de saída.

Antes era o falar, falar. “fale para encontrar o sem sentido”, agora se agarra a alguma coisa que parece ser singular para dizer “isso aqui não é igual ao que era”. É uma ideia. É construir uma exceção quase. Não que ela vai ter um valor de furo, mas pelo menos tem um ponto de parada, um ponto de gravidade. Não sei o que isso seria em termos ecológicos. A ecologia não é a do ecossistema.

Uma ocupação é um acontecimento, não um ato.

Participante: não é uma aposta no ato do analista. Localizar alguma coisa numa exceção significante.

Essa sua pergunta ajuda a terminar o texto para enviar para vocês, para fazer a diferença do que é o “ato do analista em três planos”. Eu não sei se ato é o certo. Você falou em ato como uma ação, e eu sei que você sabe que essa ação depende de um efeito. Não será ato se tiver efeito de extração. O que você está falando não é “nomeia alguma coisa e isso é um ato”. Não. Você nomeia alguma coisa e isso funciona.

E ainda tem a discussão: se é um ato, precisa dos efeitos. Se não alguém vai invadir algum lugar, isso é ocupação. Se aquilo funciona como ocupação, ali sim, foi um ato, mas não é invadir. Paralisar, parar uma via pública pode ser uma ocupação.

Depende do que vamos chamar de ato, Lacan faz equivaler à interpretação ao ato, o que ele chama de ato se refere a uma análise inteira e não um movimento do analista. O movimento do analista na sessão ele coloca na técnica, isso não é um ato analítico, um ato analítico é depois que perdeu a guerra, A interpretação é a técnica da sessão. Quem sabe se talvez não seja a técnica da sessão. Não é ato no sentido de Lacan, acho que não.

O que quero dizer é que nessa história nossa, o que vai ser importante com esse Outro é que faça acontecimento. Uma ocupação é um acontecimento, não um ato. Uma greve é um ato. Acontece, cruzo os braços, tem um antes e um depois, tem uma parada e alguma coisa. Uma irrupção e um atravessamento e as coisas não são mais o que era.

Numa ocupação, depois que vai embora, está tudo igual. Quase tudo igual. Um acontecimento muito diferente do que Lacan chamou de ato. Eu quero opor acontecimento de corpo a ato analítico. Mas isso é para nossa finesa teórica.

Eu acho que o que escrevemos para extrair alguma coisa de gozo é o que Lacan chamou de ato. O ato para Lacan é um corte. Interrompe uma sessão estava dizendo alguma coisa, apareceu uma ideia quando o analista interrompe e quando ela volta vai ser outra coisa, um alinhamento, um corte. Mas só funciona se acontecer isso tudo, não é porque fez isso na sessão que é um ato, mas isso é um ato.

Uma ocupação pode ter um valor de ato. Uma das grandes críticas das ocupações é que não muda nada. *What's next?* A grande crítica da ocupação é isso. Todo mundo reclama que não teve partido, não teve movimento.

A ideia de um acontecimento que pode se transformar num discurso é diferente, as ocupações talvez produzam discursos, produz a fala, fala que encaminha. Isso é diferente dizer que é um ato. Um ato para a gente é forte, onde tem discurso implica em mundo, passa ser outra coisa. Tem o antes e o depois. É uma teoria que está completamente jogada na minha cabeça, mas esse destino é pelo menos o que eu quis dar aqui.

Vamos supor que ele não fez isso pensando. Ele trabalha na lavoura e enquanto trabalhava na lavoura, a música ia vindo, um trabalho psíquico de elaboração, não um trabalho consciente.

Ele também figura ele como tendo perdido e está completamente só, porque isso também não tinha figuração, não é compartilhado e agora passa a ser.

Participante: e ele se coloca como um herói.

É, ele se coloca como um herói, não tinha pensado nisso, mas sim.

¹ LACAN. Jacques. O Seminário Livro 7: *a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1997.

² LACAN, Jacques. Livro 6 o desejo e sua interpretação (1958-1959). Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

³ LACAN. Jacques. O Seminário Livro 10: *a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2005.

⁴ FLUSSER, Vilém (Praga, 1920-1991 Praga) filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Vários livros publicados.

⁵ LACAN. Jacques. O Seminário Livro 19: ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2012.

⁶ ROSA, João Guimarães Rosa. "*De Estas Histórias*", Rio, José Olympio, 1962.

BIBLIOGRAFIA

VIEIRA, M. A. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2001.

VIEIRA, M. A. *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro. Contra Capa. 2008.

LACAN, Jacques. Livro 6 o desejo e sua interpretação (1958-1959). Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

LACAN. Jacques. Livro 7: *a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1997.

LACAN. Jacques. Livro 10: *a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2005.

LACAN. Jacques. O Seminário Livro 19: ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2012.

FLUSSER, Vilém. A Escrita. Há futuro para a escrita? Annablume. São Paulo, 2010.

FLUSSER, Vilém. A Dúvida. Annablume. São Paulo, 2011.

ROSA, João Guimarães Rosa. *“De Estas Histórias”*, Rio, José Olympio, 1962.